

ANIMAIS SILVESTRES X ANIMAIS DOMÉSTICOS – INTERAÇÕES EM AMBIENTES URBANOS

ALAN SANTOS BEANES¹; MARINA CHAGAS DOS PASSOS², MAYANA LIMA DE SÁ², YNARA PASSINI², RAQUELI TERESINHA FRANÇA³

¹ Universidade Federal de Pelotas – alanbeanes@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – marinachpassos@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – mayanalimasa@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – ynarapassini@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – raquelifranca@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ações antrópicas que ocasionam a destruição de habitat naturais, seja para expansão de território ou questões de produção, têm tornado animais silvestres e seres humanos cada vez mais próximos (WOLFE, 2005). Com a tendência da criação de animais de estimação por razões sociais (ARCHER, 1997) ou questões de saúde (KOIVUSILTA, 2006), esses animais também interagem com o ambiente, impactando na fauna silvestre (TWARDEK, 2017).

Segundo o Instituto Pet Brasil, no Censo Pet de 2018, foram contabilizados 139,3 milhões de animais de estimação no país, sendo o cão o primeiro com 54,2 milhões de indivíduos e o gato em terceiro com 23,9 milhões de animais participantes de núcleos familiares.

Porém, quando o quesito “prevenção de danos a terceiros” do conceito de guarda responsável (SANTANA, 2006) não é cumprido, esses animais tendem a frequentar tanto o interior quanto exterior da residência se enquadrando como semi-domiciliados. Além desses, também estão incluídos os animais comunitários (cuidados por diversas pessoas, porém fora de ambiente domiciliar) e os animais errantes, sem proprietário (NOGUEIRA, 2009).

Os impactos que a fauna doméstica impõe sobre a silvestre compreendem a mudança de hábitos (devido a presença de novos predadores), transmissão de doenças, hibridização, competição e predação (TWARDEK, 2017). Enquanto os cães estão mais relacionados a transmissão de patógenos (CONSTANZI *et al*, 2021), os gatos tem um maior papel na predação (DAUPHINÉ & COOPER, 2009).

O objetivo do trabalho foi levantar dados sobre animais silvestres que chegam ao Núcleo de Reabilitação de Fauna Silvestre (NURFS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em decorrência de ataque por animais domésticos.

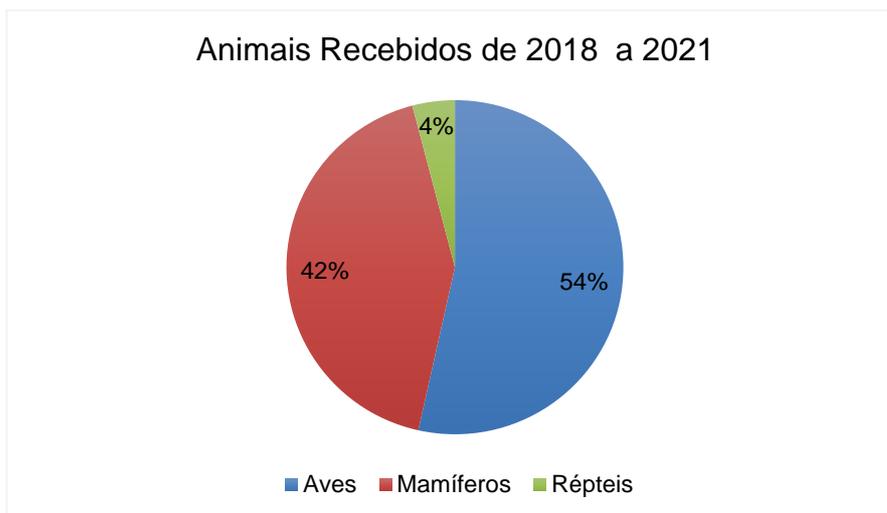
2. METODOLOGIA

Foi triado, dentro do banco de dados de animais recebidos no NURFS-CETAS/UFPEL, as entradas de animais silvestres decorrentes de ataque por animais domésticos, compreendendo o período de janeiro de 2018 até junho de 2021. Após planejados, os dados, foram aplicados filtros para: classe taxonômica, idade, tempo de reabilitação e destinação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É notório que os animais domésticos impactam na biodiversidade, de acordo com os dados apresentados por TWARDK (2017). Nos anos de 2018 a 2021, foram recebidos no NURFS 172 animais provenientes de ataques de animais domésticos, sendo 92 aves, 73 mamíferos e 7 répteis (figura 1). O ano de 2019 foi o com maior recebimento, tendo 52 entradas, seguido por 2020 e 2018 (46 e 45, respectivamente).

Figura 1 – Porcentagem das espécies de animais silvestres recebidos decorrentes de ataque por animais domésticos no NURFS-CETAS/UFPEL.



No total, apenas no ano de 2018 as aves não compuseram o grupo de maior entrada no NURFS, sendo superadas pelos mamíferos, enquanto os répteis sempre representaram a minoria dos recebimentos por conta de ataques de animais domésticos (tabela 1). É estimado que nos Estados Unidos, gatos sejam responsáveis pela predação de 1,3 à 4 bilhões de aves anualmente, de 100 a 350 milhões anuais no Canadá, 5,4 milhões mensais durante a primavera e o verão na Inglaterra e 144 mil por mês na Finlândia. Quando o alvo são os pequenos mamíferos, os números são de 6 a 22 bilhões anuais nos Estados Unidos, 2 a 4 milhões por ano na Austrália e 1 milhão por mês na Finlândia (TWARDK, 2017).

Tabela 1 – Número de animais recebidos para cada grupo taxonômico nos anos de 2018 a 2021.

Ano	Classe Taxonômica		
	Aves	Mamíferos	Répteis
2018	18	25	2
2019	35	14	3
2020	25	19	2
2021	14	15	0

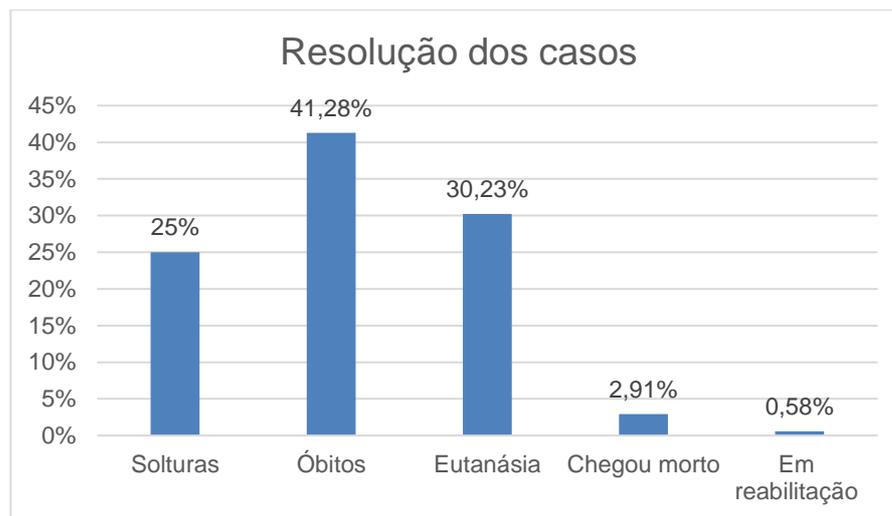
A faixa etária mais afetada por ataque de animais doméstico correspondeu aos animais adultos, 52,91% (n=91). Essa alta taxa pode estar relacionada com a maior exposição por conta do próprio ciclo de vida dos animais (busca por alimentos, parceiros reprodutivos, material para confecção de ninho ou toca).

Por serem mais lentos e não possuírem reflexos ágeis, era de se esperar que os filhotes compusessem o maior número de animais predados, porém a proteção do ninho, toca ou dos pais pode ter influenciado em menores números de entrada do que de adultos.

Traumas por mordeduras são feridas contaminadas, que requerem um cuidado específico para evitar infecções (FOSSUM, 2014), associado a isso, os animais que são atacados são muito menores do que seus agressores (ex: passeriforme em relação a um cão), aumentando a extensão da lesão e agravando o quadro.

A figura 2 ilustra a destinação dos animais silvestres que foram atacados por animais domésticos. Com exceção dos animais que foram atendidos e constatado que não havia lesão e encaminhados para soltura no mesmo dia da chegada, existem casos que os animais passam longos períodos em reabilitação, como o caso de uma ave, recebida no ano de 2019 que ficou 199 dias sob cuidados da equipe. Dentre os anos existe uma média de permanência de 29 dias dos animais, desde a entrada até sua soltura.

Figura 2 - Resolução dos casos clínicos



4. CONCLUSÕES

Ainda que exista serviço técnico para lidar com animais silvestres na região, a taxa de sobrevivência de animais silvestres que sofrem injúrias por animais domésticos é baixa, sendo de 25% de solturas, contra 75% de óbitos (incluindo eutanásias). Há necessidade de criação de campanhas de conscientização para tutores, explanando que além de um risco a biodiversidade, animais domésticos também correm risco de vida vivendo de maneira semi-domiciliada, além de políticas públicas ambientais mais incisivas para proteção da vida silvestre.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, J. Why do people love their pets? **Evolution And Human Behavior**, v. 18, n. 4, p. 237-259, jul. 1997.

COSTANZI, L; BRAMBILLA, A; BLASIO, A.di; DONDO, A; GORIA, M; MASOERO, L; GENNERO, M.S; BASSANO, B. Beware of dogs! Domestic

animals as a threat for wildlife conservation in Alpine protected areas. **European Journal Of Wildlife Research**, Ciudad Real v. 67, n. 4, p. 67-70, 13 jul. 2021.

DAUPHINÉ, N; COOPER, R.J.. Impacts of free-ranging domestic cats (*Felis catus*) on birds in the United States: a review of recent research with conservation and management recommendations. **Proceedings Of The Fourth International Partners In Flight Conference: Tundra to tropics**, McAllen, v. 1, p. 205-219, out. 2009.

FOSSUM, T.W. **Cirurgia de pequenos animais**. Rio de Janeiro: Elsevier Saunders, 2014, 4 ed.

Instituto Pet Brasil. **Censo Pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil**. Instituto Pet Brasil, São Paulo, 12 jun. 2019. Online. Disponível em: <http://institutopetbrasil.com/imprensa/censo-pet-1393-milhoes-de-animais-de-estimacao-no-brasil/>

KOIVUSILTA, L.K.; OJANLATVA, A. To Have or Not To Have a Pet for Better Health? **Plos One**, v. 1, n. 1, p. 1-9, 27 dez. 2006.

NOGUEIRA, F.T.A. Posse responsável de animais de estimação no bairro da Graúna - Paraty, RJ. **Educação Ambiental Be-597**, Campinas, v. 2, p. 49-54, 2009.

SANTANA, L.R.; OLIVEIRA, T.P. Guarda responsável e dignidade dos animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, n. 65, p. 67-104, maio 2016.

TWARDEK, W.M.; PEIMAN, K.S.; GALLAGHER, A.J.; COOKE, S.J. Fido, Fluffy, and wildlife conservation: the environmental consequences of domesticated animals. **Environmental Reviews**, v. 25, n. 4, p. 381-395, dez. 2017.

WOLFE, D.N; DASZAK, P.; KILPATRICK, A.M.; BURKE, D.S. Bushmeat, Hunting, Deforestation and Prediction of Zoonotic Disease Emergence. **Emerging Infectious Diseases**, v 11, n 12, 2005.